

9M (Norte)
5/12/2001 6
30

O potencial dos solos amazônicos

Uso e manejo adequado são um desafio para o desenvolvimento do agronegócio

Silvia Fujiyoshi
de Belém

Conhecimento e tecnologias adequadas para o manejo foram os componentes apontados como fundamentais para o uso agrícola dos solos amazônicos, ontem, durante o workshop "Solos da Amazônia: Perspectivas de Uso e Manejo". O grande desafio seria a qualificação dos produtores rurais em verdadeiros gerentes de agronegócios, além de quebrar o paradigma de que o solo amazônico é totalmente pobre e não serve para a agricultura.

O workshop, que continua hoje e amanhã, em Belém, é promovido pela Embrapa Amazônia Oriental e visa apresentar novas alternativas de uso e manejo do solo amazônico para a agricultura. Conforme o pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, José Raimundo Gama, o objetivo é "acabar com o mito de que o solo amazônico é pobre", mostrando que conhecimentos sobre o solo e um bom manejo viabilizam a produção agrícola na região.

Segundo o pesquisador, o solo não é uma limitação para a agricultura na Amazônia. Ele cita exemplos de áreas antes condenadas a não receber cultivos agrícolas e que hoje despontam com ótima produtividade. "O município de Floresta do Araguaia, que tem solo concrecionário, hoje é o maior produtor de abacaxi do País", destaca. Há quatro anos, Floresta do Araguaia era o quinto maior produtor do País. Com manejo adequado, os produtores superaram a limitação do solo.

Em Paragominas já estão sendo plantados abóbora, arroz, feijão e soja, por exemplo, em solo com grande presença de areia e pedras. A visão generalizada de que o solo amazônico é pobre ou de que solo concrecionário e piçarreiras não servem para agricultura também acaba gerando problemas de especulação fundiária. Pequenos produtores agrícolas, sem acesso à informação e tecnologia, acabam vendendo suas terras por preços abaixo do valor real.



Abacaxi deu certo no Araguaia

O pesquisador Doracy Ramos, chefe-geral da Embrapa Solos, do Rio de Janeiro, enfatizou a importância do estudo dos solos para a escolha da cultura agrícola certa. Ele destaca que não é contra a expansão da soja, mas alerta que muitas regiões de cerrado amazônico não têm as mesmas características da região central do País e, por isso, não devem receber o plantio da soja, sem critérios.

A canalização dos investimentos agrícolas para o cultivo de soja, como demanda internacional imediata e para suportar a balança comercial, é vista com receio pelo pesquisador. Para o chefe-geral da Embrapa Solos, "o Brasil usa mal o seu solo". O cultivo de frutas tropicais é pouco explorado. "A fruticultura tem grande potencial na região e traz mais benefícios ao País, mas tem mercado altamente competitivo e forte exigência sanitária", comenta.

Na tarde de ontem, o workshop ainda promoveu palestras sobre características, zoneamento e uso dos solos amazônicos; irrigação; e produtividade de pastagens e de grãos no Estado do Pará. Para hoje estão programadas discussões sobre produtividade; fruteiras tropicais em solos concrecionários; utilização das várzeas em relação ao fluxo de água e tipos de solos; manejo sustentável no Estado do Amazonas; e agricultura familiar.

(silvia@gazetamercantil.com.br)

Embrapa Solos estuda região de Humaitá

Levantamentos detalhados sobre as potencialidades e limitações dos solos da região de Humaitá, no sudeste do Estado do Amazonas, estão sendo realizados pela Embrapa Solos, do Rio de Janeiro, há cinco anos. A pesquisa, encomendada pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam), respaldará o zoneamento econômico-ecológico do estado e já resultou no primeiro diagnóstico, indicando possibilidades de melhor uso do solo.

O diagnóstico, que será apresentado oficialmente na próxima semana, abrange os municípios de Humaitá, Apuí, Manicoré e

Novo Aripuanã. A região foi subdividida em oito ambientes agroecológicos, conforme suas características de solo. Por meio dos levantamentos, segundo o chefe-geral da Embrapa Solos, Doracy Ramos, foram detectadas algumas áreas de cerrado amazônico com características diferentes da região central do País.

O cerrado amazônico, que vem sendo apontado como fronteira agrícola de expansão da cultura da soja, apresentou peculiaridades que devem ser melhor estudadas antes da vasta implementação da cultura na região. Algumas áreas de cerrado ama-

zônico são mais pedregosas e têm o lençol freático mais elevado, tendo menos potencialidade para o cultivo da soja. Áreas mais alagadiças são indicadas para o cultivo de arroz.

No diagnóstico, os municípios de Manicoré e Novo Aripuanã, por exemplo, estão sendo apontados como oportunidades para o desenvolvimento de um pólo de produção de grãos. Mas, o solo tem aptidão para culturas adaptadas ao excesso de umidade em 10%, sendo favorável à produção de arroz. Em Humaitá, a pesquisa indica potencial de criação de um pólo de produção

agrícola, beneficiando-se da infra-estrutura e da proximidade com os centros de consumo.

Boa parte da região de Humaitá foi diagnosticada como áreas para preservação ambiental e exploração sustentável da biodiversidade, além do desenvolvimento de sistemas agroflorestais e a produção agrícola de ciclos longos em base familiar. Mas, Doracy Ramos não arrisca falar numa cultura agrícola de vocação para a região amazônica. "Além de estudos detalhados de solo, é preciso considerar os impactos sócioeconômicos", completa. (S.F.)